

Luiz-Olyntho Telles da Silva

Junho/2021

Quero começar agradecendo o convite de *letraducciones* para este *(des)encuentro*, na companhia dos psicanalistas Adriana Rey e Carlos Bembibre e do tradutor Esteban Bieda. Quero dizer também que esta palavra *(des)encontro* parece, na verdade, muito bem encontrada, porque, como os outros convidados já disseram, também não me sinto confortável sob o título de tradutor. Mas a verdade é que gostei muito das apresentações anteriores, tanto a de Carlos, como a de Esteban, e das aquarelas de Adriana, com as quais foi ilustrada nossa apresentação. Senti-me identificado com todos. Talvez não precisasse dizer nada porque planejei abordar praticamente os mesmos pontos, e eles o fizeram melhor.

Enfim, vamos lá. Carlos começou com uma anedota e eu pensei em começar com um chiste. Sei bem a dificuldade de contar e entender os chistes, porque, como eles são paroquiais, se não pertencemos à paróquia, temos muitas dificuldades em compreendê-los. Contudo, como este que lhes vou contar foi inspirado pela convocatória, quando ela dizia que, ao final, todos temos perdas, tomei coragem: ele consiste na história de um cidadão que vai a um restaurante francês e, aí, pede ao *chef* o menu do dia. Este, por sua vez, de fato um francês, com toda a solenidade da circunstância de seu *savoir faire*, anuncia-lhe: - *Eau chaud dans un plat profond*. O comensal, surpreendido, não acreditando no que acabara de ouvir, pergunta novamente: - *O quê? Água quente em prato fundo?* E o *chef* continua: - *Oui, c'est vrai, perde um pouco na tradução!* Para mim, a história parece muito graciosa. Espero que tenham aproveitado.

É verdade que, para essas coisas, é preciso ter uma pronúncia muito apropriada da língua (porque o risco de se estar dizendo outra coisa é bem grande), e os textos escritos nem sempre mostram bem como cada palavra deve ser pronunciada. Um escritor argentino, que me encanta, Ricardo Güiraldes, dizia sentir falta, na língua, de uma maior quantidade disto a que chamamos *sinais diacríticos*, para tornar possível uma melhor pronúncia das palavras. Isso é algo de que carecem todas as línguas. Na poesia, os diferentes tipos de versos, sejam decassílabos, alexandrinos, etc., buscam também colaborar com a dicção, mas nem sempre são suficientes e dependem da atenção que se lhes dê.

Agora, se eu tivesse que dar um título a esta palestra, tomaria a sugestão de Valéry Larbaud – um homem que dedicou toda sua vida à poesia e à tradução –, quando escreveu um livro intitulado *Sob a invocação de São Jerônimo*. Ele havia pensado, como título para esse livro numa paráfrase ao título de Bossuet, *Sobre a iminente dignidade dos pobres na igreja*. Ele pensou, então, que seu livro bem poderia chamar-se *Sobre a eminente dignidade dos tradutores na república das letras*. Isso porque o trabalho dos tradutores está dedicado, eminentemente, ao outro, e é um trabalho de pouquíssimo reconhecimento. Foram citados aqui os nomes de alguns tradutores e há muitos tradutores importantes, que fazem um trabalho valioso, mas não há um Nobel para a tradução.

Sobre as dificuldades na tradução, pensei em um exemplo encontrado na leitura do Seminário 17, de Lacan. Na tradução brasileira, quando o autor está falando do local onde nós vivemos, diz que *nós vivemos na alethosfera* e que não poderíamos viver na *noosfera* porque ela está habitada por *nós mesmos*, enquanto na edição original, de Seuil, estabelecida por Miller, consta *nous mêmes*. Então, traduzir por *nós mesmos* está correto; porém, é preciso estar atento ao fato de que, no contexto, essa tradução não faz nenhum sentido. Não podemos viver na noosfera porque moramos aí? Ora, ora! Então, ao buscar uma explicação, encontrei uma tradução ao espanhol, feita pelo *Simpósio do Campo Freudiano*, dizendo que o motivo pelo qual não podíamos viver na noosfera é por ela ser habitada pelos *noumenos*, em francês, *noumènes*, palavra assoante com *nous mêmes*. Isso, por certo, foi um engano no momento do estabelecimento do texto, mas que a tradução não se deu conta e deixou passar. Quer dizer, para traduzir, não basta conhecer a outra língua, é preciso estar bem atento, e conhecer também o assunto em questão. Isso mostra igualmente a importância de haver mais de um tradutor. Os antigos diziam que *uno itinere non potest pervenire ad tam grande secretum*. Ou seja, para uma pessoa só, seguindo um único caminho, é difícil chegar a este grande segredo que é a língua do outro.

Outro ponto importante é o da paixão. A paixão do tradutor pelo texto. Isso porque não se traduz qualquer um. Voltaire dizia que devemos escolher o texto a traduzir por afinidade. Nós tivemos, em nosso país, entre tantos intelectuais ilustres, Joaquim Nabuco. Ele fez parte da Academia Brasileira de Letras e, durante alguns anos, foi embaixador do Brasil junto ao Governo dos Estados Unidos. Aí, ele foi convidado a fazer conferências sobre a língua portuguesa, as peculiaridades do Brasil, e, em algumas delas, realizadas nas

universidades, falou sobre *Os Lusíadas*, de Camões. Tinha uma paixão por Camões. E uma das coisas por ele mencionadas foi a dificuldade encontrada pelos americanos, e também pelos ingleses, para traduzir a língua portuguesa ao inglês. Ele dá, como exemplo dessa dificuldade, a palavra *saudade*. Como traduzir ao inglês a palavra *saudade*? Seriam necessárias, diz ele, ao menos quatro palavras: *remembrance*, *love*, *grief* e *longing*. *Remembrance*, *love* e *longing* são palavras mais comuns, mais conhecidas, mas *grief* eu não a conhecia e verifiquei que quer dizer *pesar*, *dor* e *luto*; *longing*, de modo oposto, remete a *desejo veemente*, à *ânsia*. De modo que a tradução fica muito difícil. E mais, como dizia Esteban, a circunstância em que uma palavra é dita pode produzir muitas diferenças. Por exemplo, a palavra *Roma*, se estamos em um contexto grego, quer dizer *força*; se o contexto for hebraico, significa *humildade*; e se a lermos em um espelho, veremos *amor*. Por isso, a circunstância do texto também precisa ser tomada em consideração.

E agora, como o convite para esta palestra deveu-se a meu livro *O engano de Édipo*, destacarei alguns de seus textos, a começar pelo título. Podemos pensar que ele se deve à importância da tragédia de Édipo para a psicanálise. Freud encontrou aí o núcleo das neuroses e diz também que ele é o *schibboleth* da psicanálise. Isso chamou minha atenção. Consta em uma nota de pé de página aos *Três ensaios* e, na tradução das obras completas de Freud ao português, pela Imago, isso não está. Ou melhor, está, mas diz, simplesmente, *senha*. Sim, é verdade, *schibboleth* é uma senha, mas ela importa por quê? Não será pelo significado da palavra, a qual conota, simplesmente, uma espiga de milho. O que importa, fundamentalmente, é sua pronúncia. Freud a retirou da Bíblia, da disputa dos Efraimitas com os Midianitas. Uns conseguiam pronunciar *schibboleth*, mas outros não, sua dicção só lhes permitia dizer *sibolet*, e isso era suficiente para um reconhecimento identitário. Não havia carteira de identidade naqueles tempos. Os passaportes são muito recentes na cultura. Não faz muito tempo, há pouco mais de cem anos, em uma disputa com os uruguaios, usamos o mesmo método para saber quem era quem. Pedia-se para enunciar a palavra *pauzinho*, coisa que os uruguaios não conseguiam fazer, podendo apenas pronunciar o *s* sibilante, assim emitido: *paussinho*. Com isso, acontecia o mesmo que entre os Efraimitas e Midianitas: aos que não pronunciavam corretamente, aplicavam-lhes a *gravata colorada* e o Jordão tingia-se de vermelho.

Para comentar os textos, irei fazê-lo pelo ângulo da tradução, uma perspectiva que, sem esse convite, eu não a teria pensado, porque, quando investigo uma palavra, faço-o mais pela ambição filológica do que pela de tradutor. Aí está a questão da passagem de uma língua à outra e também a questão da aprendizagem da língua, porque a língua que cada um fala, não é a sua própria língua. Cada um fala a língua de sua mãe, a língua materna. E a mãe, com quem aprende? Por certo também com a sua, mas também aprende um pouco com o filho, porque ela tem que fazer a tradução do que lhe diz o filho. Quando ele faz um ruído, ela interpreta *xixi*, outro ruído, e ela diz *cocô*, mais um e ela reconhece *fome, sono, dor de barriga*. A cada interpretação, novas palavras vão entrando em jogo.

No primeiro texto desse livro, trato de fazer uma comparação entre duas traduções de um texto de Lacan, publicado em *Ornicar?*, em 1977, intitulado *A abertura da sessão clínica*. Lacan está, aí, ocupado com o processo da análise que se dá no divã. E para dizer divã, ele usa um neologismo: *direvent*. Literalmente, *dizer vento*. Embora não lembre como os tradutores trataram esse neologismo, pensei em também criar um para dizê-lo em português. *Dizer vento* não ficava bem. E logo me dei conta da superfluidade de um neologismo porque, em português, a palavra *divã*, por si mesmo, já contempla o tropo francês. A palavra *dire* está na partícula *di* e o *vent* está no *vã*, porque o vento, em nossa língua, tem o sentido de *dizer coisas vãs*. Homero já se referia à *palavra alada*. Sabem também que *divã* remete a uma forma de governo persa, e tudo o mais.

Mais adiante, falando das associações, Lacan diz que elas são como coisas jogadas ao ar e que, depois, destas é preciso fazer uma seleção, o que por certo tem a ver com o significante. Para essa seleção, utiliza o verbo *vanner* e, enquanto uma tradução usa o verbo *joeirar*, a outra diz, simplesmente, *peneirar*. Acontece que, por ser a joeira uma peneira especial para peneirar o trigo, separando-o do joio, esse movimento terminou por agregar uma forte conotação moral, repetida frequentemente pela Igreja e, por isso, não me pareceu uma tradução adequada. A outra tradução lembrou-me uma canção infantil, ou mais ou menos infantil, que diz assim:

Eu estava na peneira
Eu estava peneirando
Eu estava no namoro
Eu estava namorando.

Então, como fala em namoro, penso que a peneira se aproxima do amor e, por isso, prefiro-a. Ao aproximar-se do amor, fica mais próxima da análise.

Seguindo com o tema das associações, Lacan diz que não devemos *se vanter* da liberdade de associação, em primeiro lugar porque essa liberdade não é assim tão livre. Embora ambas as traduções estejam próximas, propus uma não dicionarizada; para *se vanter*, propus *engrandecer-se*. Em português, o radical grego dessa palavra é *oideo*, o inchado de Édipo, e quer dizer *querer ser maior do que se é*.

Lacan menciona também aí, fazendo uma referência a Baudelaire, que o poeta está atacado pelos *vers*, e não é demais lembrar que essa palavra conota tanto *versos* como *vermes*. E é aqui que, pela primeira vez, ele faz uma transliteração do *Umbewuste* freudiano em *une bévue*, que traduzimos por *um erro*, caso em que me pareceu conveniente esclarecer que *une bévue* não é um simples erro, antes um *erro grosseiro*. Antes de terminar, Lacan faz ainda uma acusação a Marie Bonaparte por sua tradução da *Traumdeutung* como *Ciência dos sonhos*, enquanto ele propõe *Interpretação dos sonhos*. Contudo, lembremos das palavras de Cervantes: *aliquando bonus dormitat Homerus*, isto é: *às vezes até o bom Homero cochila*. Quero dizer que as distrações são sempre possíveis.

Em *O cordeiro e o pirilampo* chamei a atenção para o olhar: em geral criticado como frequente fonte de engano; em sua etimologia; está o verbo *teoréo*, raiz de nossa *teoria*.

Em um texto sobre a ética da psicanálise, quando Lacan, no Seminário 7, fala na importância da *kátharsis/catarse*, de Aristóteles, observei que, nesse momento, ele não dera muita atenção ao engano, o engano como *apate*, porque, no teatro, se não nos deixamos enganar, então não acontece nada, gastamos dinheiro à toa. No teatro brechtiano, sabemos que isso muda, na medida em que busca questionar, racionalmente, a realidade. Pois bem, quando vemos sangue, por exemplo, e logo pensamos que é *ketchup*, ou qualquer coisa assim, então estamos perdendo tempo. Se não acreditamos que o que está acontecendo no palco tenha algum parentesco com a verdade, então não nos emocionamos. E para alcançar a *catarse*, é preciso haver identificação quanto a emoção ventilada, nesse caso, propiciada pelo engano. Propus, então, que a *kátharsis* fosse tomada como metáfora do processo analítico e que a *apate* (palíndromo de *etapa*) fosse uma metáfora para a transferência. Porque na transferência também tem que haver um engano, mas isso no início, uma vez que, depois de certo

tempo, esse engano, personificado pelos gregos como *apate*, precisa ser rompido. E se ele não se rompe, a análise se transforma em uma fraude. E aí já não acontecerá mais nada.

Nesse mesmo texto, quando Lacan aborda a tragédia de Antígona, ocupei-me da diferença na comparação entre *deinós* e *deinôteron*. Se esses adjetivos conotam o maravilhoso, o admirável e o extraordinário, também significam, em primeiro termo, terrível, temível, funesto. E *deinôteron*, um aumentativo, quer dizer *mais terrível*.

Em *O engano de Édipo*, fiz constar a dupla tradução do verbo inglês *to lie*, como mentir e deitar. Além disso, ao examinar a questão do engano, reparei que, quando os alemães querem traduzir a *ilusion* dos franceses, usam *trug'bild*, cujo radical, *trug*, significa engano. Fiz assim porque *trug'bild* também se usa para dizer *fantasma*. E termino comentando outra nota de Freud, atinente ao tebano que testemunha o enfrentamento de Édipo à Esfinge: Freud diz que a testemunha, *Zeuge*, deriva do verbo *zeugen*, gerar, produzir.

Em um livro, de minha autoria, ainda no prelo, e que levará o título de *Anotações em Shakespeare*, ao tratar de *Othelo*, menciono um comentário de um de seus tradutores, Lawrence Flores Pereira, que caracteriza essa peça como uma *tragédia da interpretação*. Pois nela encontramos a palavra *vil* (vil, baixo) traduzida por *perverso*, e é interessante porque a palavra *perverso* só entrou na língua inglesa no final do séc. XVI, e com o sentido inicial de *corrupção*. Como *perversionis*, *ato perverso*, ela entrou na língua por meio do latim eclesiástico, a partir do séc. XVIII. Também observei, aí, que para a renegação, a *verleugnung* característica da perversão, Freud também diz *Geveigert* (recusa). Encontrei ainda, nas pesquisas sobre *Othelo*, que a polissemia de *charm* conota tanto o encanto, o it, como *fazer feitiço*, *enfeitiçar*, e que feitiço deriva de *factīcius*, também raiz de *fetiché*.

Trabalhando ainda a tragédia de *Othelo*, pareceu-me conveniente explicar minha preferência, na tradução da *verdrängung* freudiana, por *repressão*, quando Lacan prefere *recalque*, o seu *refoulement*. É que, em sua composição, entra a palavra *dräng*, um dos componentes da pulsão e sempre traduzida por *pressão*. E chamo ainda a atenção para o prefixo *per*, em perversão, usado para reforçar o conteúdo semântico dos adjetivos, dos verbos e de seus derivados.

E agora, para terminar, três anotações. Uma de Vargas Llosa, que trouxe, em *La niña mala*, a palavra trugimão (ou turgimão), de origem árabe, como sinônimo de tradutor, e que serve também para denominar o criador de fofocas, dos diz-que-diz, hoje conhecidos como *fake news*.

Os seguintes estão relacionados à viagem de Lacan ao Japão. Ao fazer isso, estava seguindo uma tradição francesa de visitar o Oriente. Napoleão foi ao Egito, Montesquieu à Pérsia e os impressionistas ao Japão para colecionar seus gravadores, entre os quais um conhecido como Katsuchika Hokusai, digo conhecido porque esse é seu apodo mais importante e quer dizer *Atelier do Norte*.

Sabem que, no Seminário 18, Lacan ocupa-se com a escrita japonesa, importada da chinesa. Pois, apesar de seus mil caracteres, parece não ter recurso para dizer *eu te amo*, razão por que, certa vez, um poeta, em uma noite enluarada, necessitado de dizer essas palavras para sua namorada, resolveu o assunto dizendo assim: - *A lua é linda!*

Obrigado.